

## Autoavaliação Colaborativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental: “é avaliar junto, é fazer atividade junto”

Collaborative self-assessment in the early years of Elementary School: "it is to evaluate together, to do activities together"

**Jonathan Fernandes de Aguiar**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Maria Vitória Campos Mamede Maia**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

---

**Resumo:** O objetivo deste artigo é refletir, com base nos relatos de 9 alunos, do 3º ano do anos iniciais do Ensino Fundamental, sobre a importância da autoavaliação colaborativa no âmbito escolar. Os pressupostos teóricos perpassam o campo da Psicopedagogia e Educação: Silva (2010), Fernández (2001), Perrenoud (2000) e Piaget (1973). Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência, teve como sujeitos 9 alunos com 8 a 9 anos de idade, os quais participaram de uma entrevista semiestruturada em uma escola da zona sul do Rio de Janeiro. Análise dos dados baseou-se na metodologia bardiniana, método da análise de conteúdo (BARDIN, 2016). Conclui que, na autoavaliação colaborativa, cada sujeito se retrata, traz a lembrança, reflete suas ações e atitudes ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Autoavaliar é refletir, é agir, é avaliar, é compreender que cada um tem seu tempo, é interagir e demonstrar afetos pois o ser humano é múltiplo e único em seus relacionamentos. Fazer junto o que não é possível enxergar sozinho.

**Palavras-chave:** Autoavaliação. Autoavaliação Colaborativa. Ensino Fundamental.

**Abstract:** The purpose of this article is to reflect on the reports of nine students from the 3rd year of the initial years of Elementary School about the importance of collaborative self-assessment at school. The theoretical assumptions pervade the field of Psychopedagogy and Education: Silva (2010), Fernández (2001), Perrenoud (2000) and Piaget (1973). This is qualitative experience-report research focused on nine 8-to-9-year-old students, who participated in a semi-structured interview at a school from the south region of Rio de Janeiro. Data analysis was based on the Bardinian methodology, a method of content analysis (BARDIN, 2016). It is concluded that in collaborative self-assessment each subject is portrayed, remembers and reflects their actions and attitudes throughout the process of teaching and learning. Self-assessment is to reflect, to act, to evaluate, to understand that each has its own time, to interact and demonstrate affections because human beings are multiple and unique in their relationships. To do together what one cannot see alone.

**Keywords:** Self-assessment. Collaborative self-assessment. Elementary Education.

## Introdução

Este artigo é um recorte de estudos desenvolvidos no âmbito do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mais especificamente decorre dos estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa *Criar e Brincar: o lúdico no processo de ensino e aprendizagem* (MAIA, 2016). O tema a ser aqui trabalhado diz respeito à importância da Autoavaliação Colaborativa para a construção de um sujeito crítico e autônomo em relação a si mesmo e ao meio no qual está inserido, qual seja, no caso desta pesquisa, o ambiente escolar. A autoavaliação colaborativa traz à tona a questão da escuta docente e discente na relação do ensino e aprendizagem (FERNÁNDEZ, 2001). O foco no aluno é um ponto central nas conversas sobre os mesmos nos intervalos onde a sala de professores passa a ser um momento de possíveis trocas entre quem já conhece alguns dos alunos e aqueles que pela primeira vez estão lidando com esse sujeito. Interessante notar que se fala do aluno, não se fala do que o professor fez, faz ou pensa e também não se sabe o que o aluno pensa sobre o que falam dele. Da mesma forma, o professor, ao falar sobre seu aluno ou turma, não escuta ou sequer sabe - posto que não se pergunta - o que os alunos fariam da avaliação que o professor faz deste aluno ou turma.

Dentro da ideia de que se deve avaliar o processo e não somente o conhecimento de um aluno, este artigo defende, a partir do olhar da Psicopedagogia, a necessidade de haver, nas escolas, a autoavaliação colaborativa, processo esse que ajuda o professor a mapear as similaridades de um determinado grupo, traçar objetivos para que cada aluno se desenvolva em seus aspectos sociais, afetivos e relacionais. Neste sentido, o objetivo deste artigo é descrever a importância da autoavaliação no processo de ensino e aprendizagem dos alunos que estão inseridos nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Os autores que nortearão a discussão teórico-empírica terão como base os pressupostos da Psicopedagogia e Educação (SILVA, 2010; FERNÁNDEZ, 2001; PERRENOUD, 2000; PIAGET, 1973), assim como aqueles que estudam autoavaliação (SILVA *et al.*, 2017; REIS, 2014).

A pesquisa efetivada é de cunho qualitativo, do tipo relato de experiência (IVENICKI & CANEN, 2016), tendo como campo uma escola pública Federal situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, bairro nobre da mesma. Os sujeitos participantes foram nove alunos entre com 8 a 9 anos de idade, convidados a responder a uma entrevista semiestruturada sobre o processo que eles vivenciaram de participar da autoavaliação colaborativa. Os alunos estavam cientes da pesquisa e da produção deste artigo, já que esta escola, em sua matrícula, deixa claro o uso de

observações de sala de aula para pesquisa desenvolvida no âmbito acadêmico. Os dados foram colhidos no mês de novembro de 2017. Para a análise dos mesmos foi utilizada o método de Análise de conteúdo na sua forma temática (BARDIN, 2016).

A relevância deste estudo advém de esta temática ser ainda pouco estudada no âmbito acadêmico-científico. Para que se pudesse demonstrar esta relevância foi feito um levantamento na plataforma da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação<sup>i</sup>, na SciELO - Scientific Electronic Library Online<sup>ii</sup> e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES<sup>iii</sup> - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Para realização deste levantamento utilizaram-se as palavras-chave: *autoavaliação*, *autoavaliação colaborativa*, *aluno* e *ensino fundamental*, além do cruzamento destas no mês de janeiro de 2018. Dessa pesquisa advieram os seguintes resultados:

Ao acessar ANPED, utilizando as palavras-chave descritas e realizando o cruzamento destas, nenhum resultado foi encontrado. Na plataforma Scielo, ao se buscar por *autoavaliação*, foram encontrados 830 artigos no período de 2017 a 1995, nas áreas: Ciências da Saúde, Ciências Exatas, Ciências Humanas, Engenharia, Linguística e Multidisciplinar. Com a intenção de filtrar esta busca, optou-se pela realização desta busca nas áreas das Ciências Humanas e Multidisciplinar, com produções dos últimos cinco anos (2013 a 2017). Foram encontrados 74 artigos, sendo 39 pertencentes à área temática *Educação e Pesquisa Educacional* e os outros 35 artigos na área da Saúde, Saúde Pública, Psicologia e Física. Por este artigo se referir ao contexto educacional, os artigos selecionados para leitura advieram somente da área Educação.

Cabe destacar que, dos 39 artigos encontrados, a predominância dos estudos sobre autoavaliação surge em diferentes focos: nos profissionais de enfermagem e o desenvolvimento da autoavaliação na área da saúde como também na avaliação dos programas de residência multiprofissional em saúde da família por meio de indicadores (LIMA et al., 2017; NORO, 2017; VASCONCELOS et al, 2015 ); nos estudantes universitários e seu desempenho nos anos finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Superior (CROCHÍK et al. 2017; NIQUINI et al, 2015; ADRIOLA, 2014; GONÇALVES JR & BARROSO, 2014); nos engenheiros, para compreensão do seu processo formativo, por meio da autoavaliação (SOUZA, 2017); e na utilização da autoavaliação para compreensão da docência universitária em seu processo avaliativo e institucional como também na criação de instrumentos de autoavaliação com a finalidade de mapear perfil, habilidades e competências de professores que atuam nas instituições de Ensino Superior do Brasil ou latino americanas (SILVA et al, 2017; FERREIRA & FREITAS, 2017; NUNES, PEREIRA & PINHO, 2017; SILVA et al, 2017; RUIZ-CORBELLA & AGUILAR-FEIJOO, 2017; BASTOS & ROVARIS, 2016; KONZEN & ADAMS, 2016; LACERDA, FERRI & DUARTE, 2016; TERRASÊCA, 2016; FALLEIROS, PIMENTA & VALADÃO JÚNIOR, 2016; COTTA & COSTA, 2016; ESPÍRITO

SANTO, TRAVASSOS & CARIBÉ, 2016; PINTO, MELLO & MELO, 2016; CAMELO ET AL., 2015; BONDIOLI, 2015; MENDES et al, 2015; NASCIMENTO et al, 2015; ANDRIOLA & OLIVEIRA, 2015; SILVA & SILVA, 2015; RIBEIRO, 2015; LACERDA, 2015; RAPOSO-RIVAS & MARTÍNEZ-FIGUEIRA, 2014; SANTOS et al, 2014; ARNAIZ SÁNCHEZ & AZORÍN ABELLÁN, 2014; BARREYRO & ROTHEN, 2014; RODRIGUES ET AL. 2014; VALENZUELA-ZAMBRANO & PÉREZ-VILLALOBOS, 2013; SILVA & GOULART, 2013; E, MORENO D, TRIGUEROS & RIVERA, 2013).

Pode-se observar, após este primeiro levantamento, a existência de inúmeros artigos com o ênfase na docência e o desenvolvimento profissional de professores, mas, por outro lado, somente três artigos referiam-se a estudantes, cujo foco não era nos anos iniciais do Ensino Fundamental, lócus de nossa pesquisa. Ao realizar o cruzamento de palavras *autoavaliação* com *colaborativa, aluno e ensino fundamental* há simultaneidade com os artigos encontrados na primeira busca, são eles:

O artigo “Hierarquias escolares: desempenho e popularidade”, de Crochík et al. (2017), traz a discussão da dupla estrutura hierárquica na escola: a oficial e a não oficial. A primeira remete-se ao bom desempenho dos alunos diante das disciplinas escolares, a maneira como o conhecimento é adquirido e são desenvolvidas as habilidades/competências no âmbito social, o qual corresponde ao mundo do trabalho e o que os autores chamam de progresso. A segunda refere-se ao surgimento de uma hierarquia não oficial – representada pelos alunos considerados mais fortes, astutos e populares. Estas hierarquias indicam formas de competição que são desenvolvidas no ambiente escolar. Para a efetuação desta pesquisa, esses autores tiveram como grupo de pesquisa 135 alunos de universidades públicas do estado de São Paulo, os quais classificaram seus desempenhos: escolar, esportivo e afetivo (namoros e amizades) nos três níveis de ensino (ensino fundamental II, médio e superior), conforme os qualitativos: péssimo, ruim, médio, bom e ótimo – e quanto à popularidade, com duas alternativas de resposta: não e sim. Tal estudo concluiu que a autoavaliação sobre o desempenho se manteve nos três níveis de ensino; entretanto, o desempenho escolar permaneceu de modo distinto entre os anos finais do ensino fundamental e superior, igualmente o desempenho afetivo e a popularidade. Observa-se, neste estudo, o uso de autoavaliação de desempenho no Ensino Superior, cujos estudantes devem avaliar o seu processo nos anos finais do ensino fundamental, médio e universitário. Levanta-se como questão frente a esta pesquisa a pergunta: por que não envolveu os alunos do Ensino Fundamental participando destes estudos?

Silva et al (2017), no artigo intitulado “Construção e estudo de evidências de validade da Escala de Avaliação Docente”, buscou apresentar a construção da Escala de Avaliação Docente (EADoc), que pode auxiliar na avaliação de práticas da educação superior no Brasil. Esta escala baseou-se nas três dimensões descritas por Kortahagen (2004) ao definir ‘um bom professor’ e relacioná-lo aos aspectos

objetivos e subjetivos tais como: ‘ambiente’ como sendo aquele que direciona a sala de aula; ‘comportamento’ como o que se refere à conduta do professor diante de seus alunos; ‘competência’ dizendo respeito ao conhecimento adquirido e às habilidades do professor em relação a sua atuação como docente; ‘crenças’ destinando-se àquilo que o professor acredita no processo de ensino e aprendizagem; ‘identidade’ como a maneira de se perceber seu papel enquanto educador e permanecer relacionado ao aspecto da ‘missão’, ao que pretende alcançar com o exercício de sua profissão. (SILVA et. 2017 p. 692). Desta escala advêm as dimensões: 1) Quem é o bom professor?; 2) o que sabe um bom professor?; e 3) como faz um bom professor.

As instituições de ensino em nível superior utilizam-se dos instrumentos de avaliação e autoavaliação dos professores que atuam neste nível, elaborados pela própria instituição, mas não costumam estudar psicometricamente os documentos para serem utilizados, como é o caso desta EADoc. (SILVA et al, 2017). A EADoc foi construída para autoavaliação docente, útil para os professores monitorarem as atividades que a docência demanda, reflexão e melhoria da própria prática. Silva et al (2017) debruçaram-se na literatura de Kortahagen para construção deste instrumento, nas entrevistas aos estudantes de graduação a cerca do que é um bom professor e nos julgamentos de especialistas para validação desta escala que contribuirá para avaliação das práticas docentes daqueles que atuam no Ensino Superior. Espera-se, com a utilização deste instrumento, que possa gerar impacto nos níveis individual, institucional, político e teórico-científico, principalmente para repensar a definição teórica do que é ser um bom professor.

O último dos três artigos avaliados concernente ao tema da pesquisa aqui apresentado, “Avaliação na educação física escolar: construindo possibilidades para a atuação profissional”, Santos et al (2014 p.155) destacam que ainda são poucos “estudos que focalizam as séries/anos finais do ensino fundamental e a formação inicial em Educação Física, não havendo produções sobre avaliação neste contexto”. Tal fato já foi apontado por este artigo quando se evidenciou, no levantamento feito sobre avaliação nos anos iniciais do ensino fundamental, poucas publicações referentes a esse recorte. O foco da pesquisa de Santos et al (2014) foi a construção de modo colaborativo de práticas avaliativas para Educação Física escolar. Para a realização dessa construção de práticas avaliativas foi realizada uma pesquisa-ação com uma professora do 4º ano do ensino fundamental e na turma composta por 25 alunos para a qual a professora leciona e tem, como uma das práticas avaliativas, a auto avaliação como “registro e acompanhamento dos processos formativos por parte de discentes e professores, possibilitando um espaço de participação individual e coletiva. Como prática investigativa, permite [...] ação-reflexão-ação pelos e com os alunos” que participam das aulas de Educação Física (SANTOS et al, 2014 p. 167).

Ao acessar o Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, utilizando a palavra-chave *autoavaliação* nos últimos cinco anos (2013 a 2017), encontramos 260

Dissertações e 120 Teses. Com a intenção de aprofundar este resultado, escolheu-se a área de conhecimento Educação, resultando o levantamento em 44 dissertações e 6 Teses, compreendendo ao todo 50 produções.<sup>iv</sup>

Após a leitura e a combinação com as palavras-chave descritas acima, pode-se dizer que estas Teses e Dissertações focam na avaliação de desempenho do professor, na melhoria das práticas pedagógicas e desempenho profissional, como é o caso do estudo de Reis (2014) – pesquisador que será citado neste artigo por desenvolver pesquisa sobre a autoavaliação no desempenho do professor, e esta permitir subsídios para pensar o desempenho dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Considerando este levantamento nas principais plataformas de artigos, teses e dissertações, conclui-se que a autoavaliação com o foco nos anos iniciais do Ensino Fundamental é ainda pouco estudada, apesar de possuir produções que destacam o docente e seu processo autoavaliativo no Ensino Superior. Assim como os estudos de Silva et al (2017) buscam por meio do instrumento de autoavaliação monitorar e melhorar as atividades que diz respeito à docência, o que leva os pesquisadores não inserirem os alunos neste processo, principalmente os que estão nos anos iniciais do Ensino Fundamental, com a finalidade de repensar e refletir suas ações e seu desenvolvimento com o ensino e aprendizagem, do mesmo modo como fizeram Santos et al (2014), ao incluir a autoavaliação como uma ação-reflexão-ação pelos e com os alunos nas aulas de Educação Física ?

## **Autoavaliação colaborativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental**

Primeiramente definiremos o que é autoavaliação. Com base no estudo de Reis (2014, p.19), autoavaliação “deve ser entendida como um processo que enfoca a autorreflexão e a crítica sobre suas ações e práticas, tendo em vista a melhoria e o aperfeiçoamento de seu trabalho pedagógico e conseqüentemente o seu crescimento profissional”. Por este motivo, ao pesquisar estudos sobre autoavaliação, estes remetem ao desenvolvimento profissional; neste caso, está intrinsecamente ligado ao docente, como foi apresentado na relevância desta temática. Poucos trabalhos focalizam este processo autoavaliativo com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, propiciando momentos de ‘ação-reflexão-ação’ de alunos com professores (SANTOS et al, 2014 p.167).

A autoavaliação permite a cada sujeito o ‘autoreconhecimento’, principalmente daqueles que atuam como docentes sendo capazes de aprender a rever a sua prática pedagógica, analisar os aspectos positivos e negativos desta, proporcionar melhorias na qualidade do ensino por meio dos “*feedback*” – o olhar dos

estudantes sobre a aprendizagem. Este instrumento no ambiente escolar é uma aliada ferramenta para melhoria do processo de ensino e aprendizagem (REIS, 2014).

A prática de autoavaliar deve ser exercida por todos os sujeitos que estão inseridos no ambiente escolar envolvendo alunos e professores de forma clara e rotineira, por toda a instituição (PERRENOUD, 2000). Pode-se afirmar que a autoavaliação é um processo reflexivo, crítico da ação pedagógica para melhoria do processo de ensino aprendizagem, envolvendo todos os sujeitos em diferentes níveis de ensino – da Educação Básica ao Ensino Superior.

Quando apostamos na autoavaliação com a participação de todos os sujeitos (professores e alunos), rompemos com a hierarquização de saberes e associações de que o professor é o centro e o detentor de conhecimentos. Dar voz a estes indivíduos é permitir a reflexão sobre o seu processo de ensino e aprendizagem, suas ações e melhorias, é assumir, neste processo reflexivo, a postura de ensinante ou aprendente (FERNANDÉZ, 2001).

No campo da Psicopedagogia, o sujeito ensinante e aprendente não está relacionado ao ser aluno ou professor (lugares objetivos), correspondendo a “um modo subjetivo de situar-se. Esse posicionamento, embora relacionado com as experiências que o meio provê ao sujeito, não está determinado por elas” (FERNÁNDEZ, 2001, p.53). Para o sujeito aprendente ou ensinante não há limites, demarcação de papéis “sou professor”, “sou aluno”, o ato de refletir sobre suas ações, opinar, descrever situações, exemplificar, sugerir outras maneiras de ensinar e aprender, às vezes de maneira inconsciente, faz com que cada sujeito transite e situe-se nos espaços dito como docente ou discente. Ambos podem ser ensinante ou aprendente, mas depende de como estas relações foram estabelecidas, pois não há limites para os sujeitos ou papéis enrijecidos, somos seres cognoscentes, sujeitos múltiplos, constituídos pelas dimensões: afetiva, relacional e social (SILVA, 2010). Somos seres pensantes, apaixonantes, de relação e contextualizado.

A dimensão relacional é determinada pelas relações que estabelecemos com os outros sujeitos, o modo que nos relacionamos, ‘o mundo vivido’ (SILVA, 2010, p.35). Este modo de relações pode ser trazidos à tona nos momentos de autoavaliação, de se saber e de identificar como são as relações e a maneira como cada sujeito se relaciona com o próximo na sala de aula, nos corredores, no pátio, no refeitório e de reconhecer o seu mundo vivido. Já a dimensão afetiva é determinada pelo desejo, o ser apaixonado, realidade psíquica, que “dá concretude aos sonhos e ‘fantasias’” (SILVA, 2010, p.45). Esta dimensão é o resgate dos sentimentos, das fantasias, do desejo. Destaca-se na autoavaliação o movimento de cada sujeito dizer o que sente. Com isto o professor consegue identificar os sentimentos de seus alunos; neste sentido dialoga com a dimensão relacional proposta por Silva (2010), ao dizer que esta pertence ao ser cognoscente de cada sujeito, é uma ação interiorizada, associada à maneira de como cada um constrói o conhecimento sobre algo ou alguma coisa (SILVA, 2010).

Cada dimensão descrita do ser cognoscente se articula em uma totalidade, possui especificidades próprias, não se funde nem se exclui, mas se integra em uma especificidade, modifica o meio. Esta relação entre cada dimensão em uma especificidade do conhecimento e do sujeito, o qual denominamos ser cognoscente. (SILVA, 2010).

O envolvimento de cada sujeito neste processo autoavaliativo consolida o reconhecimento de cada habilidade e competência de cada indivíduo. O envolvimento dos alunos na aprendizagem é uma entre as dez competências descritas por Perrenoud (2000). A utilização da autoavaliação permite que os alunos compreendam, avaliem e planejem suas ações e desenvolvam suas tarefas e responsabilidades. Assim, os professores que utilizam da autoavaliação colaborativa em sala de aula ajudam cada aluno a se reconhecer no processo reflexivo de suas ações, avaliações e aprendizagens. Com este envolvimento e participação de todos os sujeitos aprendentes e ensinantes, há o suscitar do desejo para o que será ensinado ou do que já foi aprendido. A escolha da autoavaliação colaborativa nos espaços formais de ensino é importante por legitimar e criar espaços no quais qualquer pessoa consiga desenvolver a capacidade de se enxergar, olhar para si e autoavaliar: o que faço está bom? O que preciso alcançar? Quais habilidades possuo? O que preciso desenvolver? (PERRENOUD, 2000).

A autoavaliação colaborativa é assim conceituada por este como sendo um trabalho que favorece a troca entre os pares – professor e aluno, ensinante e aprendente, com a finalidade de ambos os sujeitos trabalharem juntos em prol de melhorias e reflexões sobre ações. Esta concepção dialoga com o que Piaget (1973) definiu por cooperação: “cooperar na ação é operar em comum, isto é ajustar por meio de novas operações (qualitativas ou métricas de correspondências, reciprocidade ou complementaridade, as operações executadas por cada um dos parceiros [...])” (PIAGET, 1973, p.105). Para aqueles que optam pela realização de um trabalho colaborativo, suas escolhas e tomadas de decisão não são realizadas sem justificativas, há a troca de conhecimentos, reciprocidade, sugestão e reflexão para melhoria e desenvolvimento de habilidades de todos os sujeitos envolvidos. Ao descrever todos os sujeitos envolvidos em uma avaliação colaborativa, levamos em consideração as particularidades, as dimensões de cada *ser cognoscente* com um fim comum, em uma direção, isto para este artigo é o sentido de colaborar, como escreveu Piaget (1973, p.81): “colaborar, entretanto, resume-se à reunião das ações que são realizadas isoladamente pelos parceiros, mesmo quando o fazem na direção de um objetivo”. Assim, antes de acontecer um trabalho cooperativo, é necessário haver o desenvolvimento da colaboração.

## A pesquisa

Esta pesquisa foi qualitativa do tipo relato de experiência (IVENICKI & CANEN, 2016). O objetivo deste estudo foi refletir sobre a importância da autoavaliação colaborativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola situada na zona sul da cidade do Rio de Janeiro, ao longo de 2017. Uma entrevista semiestruturada foi realizado em novembro do mesmo ano, composta por três questões: O que é autoavaliação colaborativa? Para que serve a autoavaliação? Você gosta de fazer a autoavaliação colaborativa? Por quê?

Os sujeitos deste estudo foram 26 alunos entre 8 a 9 anos de idade, matriculadas no 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dos 26 alunos, cabe destacar que 19 permanecem na instituição desde o 1º ano do Ensino Fundamental, com a prática de realização de autoavaliação colaborativa e 9 alunos relataram que desconheciam tal prática. Foi escolhido como critério de análise da coleta de dados as respostas dos alunos que desconheciam o uso da autoavaliação em sala de aula.

A aplicação do formulário da autoavaliação colaborativa acontecia ao término de cada trimestre<sup>v</sup>. Os sujeitos que são o foco desta pesquisa recebiam os formulários impressos em folha A4 (ofício branco), descritos cinco aspectos a serem avaliados: 1) Convivência social; 2) Pontualidade e capricho; 3) Responsabilidade; 4) Prática de leitura; e, 5) Prática de escrita. Cada aspecto possuía cerca de 3 a 5 perguntas ou afirmações que deveriam ser preenchidas em uma das opções/smiles<sup>vi</sup>: sempre, às vezes ou nunca. Há uma tabela onde o aluno deve preencher e também o professor. Vejamos abaixo, a imagem do primeiro critério, seguido de algumas questões para melhor compreensão de como é a organização deste formulário:

#### AUTOAVALIAÇÃO COLABORATIVA

ASPECTOS AVALIADOS	Aluno (a)			Professor (a)		
	Sempre	Às vezes	Nunca	Sempre	Às vezes	Nunca
<b>1 - CONVIVÊNCIA SOCIAL</b>						
Sei ouvir o(a) Professor(a)?	😊	😐	😞	😊	😐	😞
Respeito e não atrapalho o meu colega?	😊	😐	😞	😊	😐	😞
Procuro ajudar o(a) professor(a)?	😊	😐	😞	😊	😐	😞
Faço uso de gentilezas como: OBRIGADO, POR FAVOR, COM LICENÇA...	😊	😐	😞	😊	😐	😞
Dirijo-me com gentileza à todas as pessoas da escola?	😊	😐	😞	😊	😐	😞

Figura 1- Organização da tabela e carinhas

Os alunos recebiam os cinco critérios. Os docentes realizavam a leitura de cada pergunta e solicitavam que, de modo individual, cada aluno marcasse o que acham sobre sua atitude em relação à convivência social. “Sei ouvir o (a) Professor (a)? Sempre, às vezes, nunca. Marque/pinte uma carinha. (...) Podemos passar para o próximo?” Ao final da autoavaliação preenchida individualmente pelos alunos, cada um era chamado para uma conversa individual enquanto os outros estudantes realizavam outra tarefa. Líamos cada resposta e marcávamos o nosso olhar como docente sobre o que o aluno tinha assinalado. “Você precisa melhorar na leitura, por

que você marcou que sempre realiza leituras, não vejo essa prática em sala de aula, concorda?”.

Os relatos dos 9 alunos participantes desta pesquisa foram gravados em um gravador de áudio e as entrevistas, transcritas. Cada entrevista durou cerca de uns 9 a 12 minutos. A Análise dos dados baseou-se no método da análise de conteúdo, modo temático (BARDIN, 2016).

## Análise e resultados da pesquisa

Com base nos relatos dos alunos entrevistados, emergiram três categorias de análise: *melhoria*, *interação entre aluno e professor* e *reflexão* ao se referir à autoavaliação colaborativa nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Quatro alunos compreendem a autoavaliação como uma melhoria:

Ver o que a pessoa precisa melhorar (ALUNA 1)

Serve para aprender com os erros e você se ajudar (...) Me ajuda muito (...) No sentido de prestar atenção, por que antes eu não prestava nem atenção. Eu consigo agora prestar atenção (ALUNO 9).

Procurar saber se o aluno está bom em tudo ou precisa melhorar em alguma coisa (ALUNA 7).

Ajuda a gente a pensar e melhorar na escrita, só, só isso (ALUNA 2).

Estes relatos se aproximam do que Reis (2014) conceituou sobre autoavaliação como uma melhoria do trabalho pedagógico, principalmente quando o sujeito que participa deste processo reconhece os avanços e ganhos, desde o ato de passar a prestar atenção no que antes errava em busca de um acerto, principalmente na escrita como destacou a aluna 2: “melhorar na escrita, só, só isso”. A aluna 2, quando marca o ato de pensar, ela vai além da questão da escrita correta ou de acordo com algum padrão, é pensar sobre seus atos, é melhorar o comportamento, a leitura, as atitudes com os colegas, professores e outros funcionários da escola, a reciprocidade e responsabilidade, a dedicação nas atividades desenvolvidas em sala de aula ou enviadas para casa. Assim, a autoavaliação colaborativa permite e proporciona a interação entres sujeitos: ensinantes e aprendentes (FERNÁNDEZ, 2001). O ato de perguntar, reconhecer as ações e até de discordar do professor.

[...] e o que a pessoa está bem boa eee [...] se você pergunta se ela acha que ela está bem, ela deve ser sincera. Se você acha que não está bem no comportamento, você tem que marcar que não está. (ALUNA 1)

Antes eu ganhava menos, às vezes, mais ou menos. Depois que comecei a prestar a atenção ganhei sempre. (ALUNO 3)

Se eu to ruim de ouvir o professor, se eu escrever que estou boa, o professor escrever que estou ruim. Eu vou saber no que devo melhorar. (ALUNO 4)

[...] se eu estou fazendo uma coisa errada, eu marco, você marca e a gente pode pensar no que podemos fazer de novo. (ALUNO 5)

[...] na verdade não é que eu concorde ou discorde. Eu concordo que é sua opinião, mas eu discordo porque eu não sabia que era desse jeito. Ajuda como eu pudesse ver o jeito que eu sou. Não só pela minha opinião mas pela opinião do professor. (ALUNO 6)

Nestes cinco relatos é possível perceber que os sujeitos entrevistados demarcam o lugar de pertencimento do professor, como aquele que dirá o que está certo, o que precisa melhorar, como afirma o aluno 4 “eu to ruim de ouvir o professor (...) o professor escrever que estou ruim. Eu vou saber no que devo melhorar”. Quantos alunos sabem o que precisam melhorar, mas aguardam o discurso do professor para mudança de comportamento? “Não só pela minha opinião, mas pela opinião do professor” disse o aluno 6, ao se referir quando o professor marca na autoavaliação o que ele precisa mudar. Este artigo problematiza a resposta dada pelo aluno ao se questionar: será que o professor é aquele que detém uma fala verdadeira, onde deve ser sempre aquele que tem razão? Como romper com esta verdade? O professor pode se contradizer? Como pensar em outras formas de diálogo e trocas de conhecimento por meio da autoavaliação? O aluno 5 responde esta última questão aqui levantada, ao relatar que o diálogo é possível em uma autoavaliação, especialmente quando esta assume ser colaborativa “estou fazendo uma coisa errada, eu marco, você marca e a gente pode pensar no que podemos fazer de novo”. Podemos pensar juntos em novas ações, em outros modos de propor intervenções para que cada sujeito avance nas suas demandas conforme as suas dimensões do ser cognoscente, construindo na sala de aula um ambiente recíproco em direção ao que seja comum para todos, respeitando as subjetividades de cada sujeito (SILVA, 2001 & PIAGET, 1983).

Perronoud (2000), em seus estudos, relaciona o envolvimento dos alunos no processo de ensino e aprendizagem e a utilização da autoavaliação como um meio de alcançar os sujeitos a serem refletivos sobre seus atos e decisões. Portanto, a reflexão é uma maneira de se autoavaliar, pensar nas atitudes, nas mudanças que podem acontecer.

Se eu falo que eu sou boa na escrita, você pode dizer que eu não estou boa, muito boa, e ae eu vejo o que eu tenho que melhorar em relação a escrita. (ALUNA 1)

[...] eu sei que as vezes eu não consigo ver o meu erro, mas a autoavaliação me ajuda. (ALUNO 3)

Ajuda pensar no comportamento, alguns alunos da turma faz bagunça e tem algumas pessoas da turma não precisa ouvir quando o você briga então só marcar na autoavaliação. (ALUNA 2)

[...] porque as vezes eu marco uma coisa e você marca outra, ai eu fico pensando, pensando, pensando, até que quando eu me toco, que já aconteceu, ai já me arrependi. (ALUNO 6)

Dar voz a cada aluno permite que eles reflitam, como aconteceu com o aluno 6, “pensou, pensou até que se tocou” que precisava se arrepender de alguma atitude. Às vezes, o docente não precisa chamar atenção de toda a turma. O fato de realizar a autoavaliação individual e o momento de troca com cada aluno são propícios para identificar os casos e situações que precisam de sua atenção, no sentido de avançar e lançar novos desafios para cada sujeito, além de colaborar para entender qual é o perfil do grupo com que está trabalhando.

Além das categorias primárias destacadas nesta análise, podemos destacar as seguintes categorias secundárias – *aprendizagem*: a autoavaliação proporciona aprendizagem: “Eu gosto porque dá para aprender” (ALUNO 5). Estimula a demonstração de *sentimentos*, principalmente quando o aluno relata: “Quando recebo uma carinha do sempre no comportamento eu fico mais feliz” (ALUNO 6). Quem é que não fica feliz em receber um elogio? O objetivo da autoavaliação não é demarcar o erro, mas garantir que todos os sujeitos avancem, pois se hoje recebeu uma carinha triste, quem sabe no próximo trimestre, bimestre ou semestre, receberá uma carinha de feliz. O aluno que citou a tamanha felicidade nos primeiros trimestre tinha recebido, em comportamento, a carinha de ‘nunca’, em seguida de ‘às vezes’ e por último ‘sempre’ – carinha do sempre. Há um espaço para que o aluno se reconheça e perceba o que precisa melhorar com o auxílio do professor, oferecendo a ele um momento de voz discente e escuta docente. Aquilo que disse o aluno 9: “Autoavaliação colaborativa, você não olha com o seu olhar, o professor olha com você” e, deste modo, o aluno 3 complementa esta afirmação: “é avaliar junto, é fazer atividade junto”. É entender que cada aluno não está sozinho neste processo e que assume mais do que um papel de aluno, o de ensinante e aprendente, e que existe um adulto e colegas com quem eles podem contar durante este processo, o que não deixa de ser uma avaliação, embora pessoal e subjetiva.

## Conclusão

Antes de concluirmos este artigo, durante a nossa prática diária como docente na utilização da autoavaliação como um meio de proporcionar aprendizagem no espaço escolar, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, os versos de Mario Quintana, escritos em 1976, “O Auto Retrato” retomam a importância da autoavaliação neste segmento ao dizer:

*No retrato que me faço  
- traço a traço –  
às vezes me pinto nuvem,  
às vezes me pinto árvore...*

*às vezes me pinto coisas  
de que nem há mais lembrança...  
ou coisas que não existem  
mas que um dia existirão...  
e, desta lida, em que busco  
- pouco a pouco –  
minha eterna semelhança,  
no final, que restará?  
Um desenho de criança...  
Terminado por um louco!*

Igualmente, na autoavaliação colaborativa, cada sujeito se retrata, traz a lembrança, reflete sobre suas ações e atitudes ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Cria laços, o professor busca semelhanças para que todo o grupo de alunos avence para garantir a aprendizagem de todos, independente de suas especificidades. Autoavaliar é refletir, é agir, é avaliar, é compreender que cada um tem seu tempo, é interagir e demonstrar afetos, pois o ser humano é múltiplo e único em suas relações. Fazer junto o que não é possível enxergar sozinho.

## Referências

- ANDRIOLA, W. B. & OLIVEIRA, K. R. B. de. Autoavaliação institucional na Universidade Federal do Ceará (UFC): meio século de história. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Jul. 2015, Vol.20 N.2 P.489 – 512. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772015000200489&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000200489&lang=pt)>
- ANDRIOLA, W. B. Estudo de egressos de cursos de graduação: subsídios para a autoavaliação e o planejamento institucionais. **Educar em Revista**, Dez. 2014, N.54 P.203 – 220. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000400013&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000400013&lang=pt)>
- ARNAIZ SÁNCHEZ, P. & AZORÍN ABELLÁN, C. M. Autoevaluación docente para la mejora de los procesos educativos en escuelas que caminan hacia la inclusión. **Revista Colombiana de Educación**, Jul 2014, N. 67 Páginas 227 – 245. Disponível em: < [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-39162014000200011&lang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-39162014000200011&lang=pt)>
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARREYRO, G.B. & ROTHEN, J. C. Percurso da avaliação da educação superior nos Governos Lula. **Educação e Pesquisa**, Mar 2014, Vol. 40 N.1 P.61- 76. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022014000100005&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000100005&lang=pt)>
- BASTOS, C. C. B. C. & ROVARIS, N. A. Z. A relevância do processo de autoavaliação institucional da universidade tecnológica para a configuração do bom professor. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Nov. 2016,

Vol.21 N.3 P.767 – 782. Disponível: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000300767&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000300767&lang=pt)>

BONDIOLI, A. Promover a partir do interior: o papel do facilitador no apoio a formas dialógicas e reflexivas de auto-avaliação . **Educação e Pesquisa**, Dez. 2015, Vol. 41 N. spe Páginas 1327 – 1338. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022015001001327&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015001001327&lang=pt)>

CARAMELO, J.; TERRASÊCA, M. & KRUPPA, S. M. P. A autoavaliação pode fazer diferença na qualidade da educação: conversando com John MacBeath. **Educação e Pesquisa**, Dez 2015, Vol.41 N. spe P.1601 – 1615. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022015001001601&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015001001601&lang=pt)>

COTTA, R. M. M. & COSTA, G. D. da. Instrumento de avaliação e autoavaliação do portfólio reflexivo: uma construção teórico-conceitual .**Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Mar.2016, Vol.20 N.56 P.171 – 183. Disponível em: <[https://scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832016000100171&lang=pt](https://scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100171&lang=pt)>

CROCHÍK, J. L. Et al. Hierarquias escolares: desempenho e popularidade . Educ. Pesqui, São Paulo, Ahead of print, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/2017nahead/1517-9702-ep-S1678-4634201710167836.pdf>.

ESPÍRITO SANTO, E. do; TRAVASSOS, X. L. & CARIBÉ, S. O. Análise do nível de implantação do processo de autoavaliação nas faculdades privadas de Salvador, Bahia. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Mar .2016, Vol. 21 N.1 P.153 – 172. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000100153&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000100153&lang=pt)>

FALLEIROS, A.E. de S. ; PIMENTA, M. L. & VALADÃO JÚNIOR, V. M. O significado da autoavaliação institucional na perspectiva de técnicos-administrativos de uma universidade pública . **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Jul 2016, Vol.21 N.2 P.593 – 618. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000200593&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000200593&lang=pt)>

FANTACINE, R. A. F; OLIVEIRA, E. L. S. de. Ensino colaborativo: redefinindo as práticas pedagógicas na construção da escola inclusiva. Revista **CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 5, n. 2, 2013.

FERNÁNDEZ, A. **O saber em jogo**: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FERREIRA, C. A; OLIVEIRA, C. Auto-avaliação docente e melhoria das práticas pedagógicas: percepções de professores portugueses. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 806-836, set./dez. 2015. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/view/3592>>. Acesso: 14 de Dez. 2017

FERREIRA, M. & FREITAS, A. A. S. M. de. Implicações da avaliação institucional na gestão universitária: a experiência da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

**Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Abr. 2017, Vol.22 n.1 p.201-221. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000100201&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000100201&lang=pt). >

GONÇALVES JR, W. P. & BARROSO, M. F. As questões de física e o desempenho dos estudantes no ENEM. **Revista Brasileira de Ensino de Física**, Mar 2014, Vol.36 N.1 P.1 – 16. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-11172014000100017&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-11172014000100017&lang=pt)>

INOUE, K. Et al. Efeito da Universidade Aberta à Terceira Idade sobre a qualidade de vida do idoso. **Educação e Pesquisa**, Ago 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022017005009105&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022017005009105&lang=pt). >

IVENICKI, A; CANEN, A. **Metodologia da pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016.

KONZEN, L. Z. & ADAMS, E. Autoavaliação institucional: um estudo sobre a análise de dados da autoavaliação em perspectiva diacrônica . **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Nov. 2016, Vol.21 N.3 P.783 – 798. Disponível: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000300783&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000300783&lang=pt)>

LACERDA, L. L. V. de. SINAES, teoria e prática: pressupostos epistemológicos em oposição . **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Mar 2015, Vol. 20 N.1 P. 87 – 104. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772015000100087&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000100087&lang=pt)>

LACERDA, L.L.V. de; FERRI, C. & DUARTE, B.K da C. SINAES: avaliação, accountability e desempenho. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Nov.2016, Vol.21 N.3 P.975 – 992. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000300975&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000300975&lang=pt) >

LIMA, A. de S. Et al. Análise da prevalência da Síndrome de Burnout em profissionais da atenção primária em saúde. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 279-300, jan./abr. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tes/2017nahead/1678-1007-tes-1981-7746-sol00099.pdf>.>

MAIA, M. V. C. M. **Criatividade e Educação**: diferentes linguagens no espaço de ensino-aprendizagem (2016-2019). Projeto de Pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, 2016.

MENDES, G. do S.C.V Et al. Autoavaliação como estratégia de resistência à avaliação externa ranqueadora. **Educação e Pesquisa**, Dez 2015, Vol.41 N.spe P.1283 – 1298. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022015001001283&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015001001283&lang=pt)>

MORENO, D. A; TRIGUEROS, C. C. & RIVERA, G. E. Autoevaluación y Emociones en la Formación Inicial de Profesores de Educación Física. **Estudios**

**pedagógicos** (Valdivia), 2013, Vol.39 N.1 P.165 – 177. Disponível em: <[https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718-07052013000100010&lang=pt](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-07052013000100010&lang=pt)>

NASCIMENTO, J. M. L. do et al. Metodologia para avaliar a responsabilidade social das universidades públicas . **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Nov. 2015, Vol. 20 N.3 P.685 – 702. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772015000300685&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000300685&lang=pt)>

NIQUINI, R. P. Et al. Características do trabalho de estudantes universitários associadas ao seu desempenho acadêmico. **Educação em Revista**, Mar. 2015, Vol. 31 N.1 P.359 – 381. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982015000100359&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982015000100359&lang=pt)>

NORO, L.R.A. Et al. Relação entre conteúdos das disciplinas de curso de odontologia e os ENADE 2004/2010 **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Abr. 2017, Vol.22 n.1 P.125-139. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000100125&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000100125&lang=pt)>

NUNES, E. B. L. de P.; PEREIRA, I. C. A. & PINHO, M. J. de . A responsabilidade social universitária e a avaliação institucional: reflexões iniciais. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Abr 2017, Vol. 22 n.1 P.165 – 177. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000100165&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000100165&lang=pt)>

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

PIAGET, J. **Estudos sociológicos**. 1 ed. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PINTO, R.; MELLO, S. P. T. de & MELO, P. A. Meta-avaliação: uma década do Processo de Avaliação Institucional do SINAES. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Mar 2016, Vol.21 N.1 P.89 – 108. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772016000100089&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772016000100089&lang=pt)>

QUINTANA, Mário. Autorretrato, in: **Apontamentos de História Sobrenatural**, 1976. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books/about/Apontamentos\\_de\\_hist%C3%B3ria\\_sobrenatural.html?id=KBDggbkG\\_6gC&printsec=frontcover&source=kp\\_read\\_button&redir\\_esc=y#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books/about/Apontamentos_de_hist%C3%B3ria_sobrenatural.html?id=KBDggbkG_6gC&printsec=frontcover&source=kp_read_button&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false)> Acesso em: 03 de jan. de 2018.

RAPOSO-RIVAS, M. & MARTÍNEZ-FIGUEIRA, M. E. Evaluación educativa utilizando rúbrica: un desafío para docentes y estudiantes universitarios . **Educación y Educadores**, Dez 2014, Vol. 17 N. 3 P. 499 – 513. Disponível em: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-12942014000300006&lang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-12942014000300006&lang=pt)>

REIS, M. L. **Autoavaliação em perspectiva colaborativa para melhoria da prática docente**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, Faculdade de Planaltina, Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/handle/10482/16447>.

RIBEIRO, J. L. L. de S. SINAES: o que aprendemos acerca do modelo adotado para avaliação do ensino superior no Brasil. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Mar 2015, Vol. 20 N.1 P. 143 – 161. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772015000100143&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772015000100143&lang=pt)>

RODRIGUES, M. K Et al. Autoavaliação SINAES: uma estratégia de gestão de um hospital universitário. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Mar 2014, Vol.19 N.1 P.111 – 129. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772014000100006&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772014000100006&lang=pt)>

RUIZ-CORBELLA, M. & AGUILAR-FEIJOO, R. Competencias del profesor universitario: elaboración y validación de un cuestionario de autoevaluación. **Revista iberoamericana de educación superior**, 2017, Vol.8 N.21 P.37 – 65. Disponível em: <[http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2007-28722017000100037&lang=pt](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-28722017000100037&lang=pt)>

SILVA, C. M. da & GOULART, E. E. A função da comunicação na autoavaliação das Instituições de Ensino Superior do ABC Paulista. **Educar em Revista**, Mar 2013, N.47 P.231 – 247. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602013000100012&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602013000100012&lang=pt)>

SILVA, J. C. & SILVA, M. M. Colaboração entre professores e autoeficácia docente: Que relações? **Revista Portuguesa de Educação**, Jun. 2015, Vol.28 N.2 P. 87 - 109 Disponível em: <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0871-91872015000200005&lang=pt](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0871-91872015000200005&lang=pt)>

SILVA, M. A. da. Construção e estudo de evidências de validade da Escala de Avaliação Docente. **Revista Brasileira de Educação**, Jul. 2017, Vol. 22 N°70 P.690-707. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782017000300690&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782017000300690&lang=pt)>

SILVA, M. C. A. e. **Psicopedagogia: a busca de uma fundamentação teórica**. 2 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

SILVA, M. F. de. et al. Higher education policy: A case study on quality assessment towards a model of university management. **Revista da Avaliação da Educação Superior** (Campinas), Abr 2017, Vol.22 N.1 P.249 – 269. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-40772017000100249&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772017000100249&lang=pt)>

SOUZA, F. das C. S. Percurso formativo de engenheiros professores da educação profissional e tecnológica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Jan 2017, Vol.98 N.248 P.62 – 76. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-66812017000100062&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812017000100062&lang=pt)>

TERRASÊCA, M. Autoavaliação, avaliação externa... Afinal para que serve a avaliação das escolas? **Cadernos CEDES**, Ago.2016, Vol.36 N.99 P.155 – 174. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32622016000200155&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622016000200155&lang=pt)>

VALENZUELA-ZAMBRANO, B. & PÉREZ-VILLALOBOS, M. V. Aprendizaje autorregulado a través de la plataforma virtual Moodle. **Educación y Educadores**, Abr 2013, Vol.16 N. 1 P. 66 – 79. Disponível: <[http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0123-12942013000100004&lang=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-12942013000100004&lang=pt)>

VASCONCELOS, M. I. O. Et al. Avaliação de programas de residência multiprofissional em saúde da família por indicadores. **Trabalho, Educação e Saúde**, 2015, Vol.13 P. 53 – 77. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1981-77462015000500053&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462015000500053&lang=pt)>

---

#### Notas:

<sup>i</sup> <http://www.anped.org.br>

<sup>ii</sup> <http://www.scielo.org/php/index.php>

<sup>iii</sup> <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

<sup>iv</sup> Aqueles que tiverem interesse em conhecer com mais detalhes tais produções encontram-se disponíveis em: <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>.

<sup>v</sup> Nesta escola a divisão do período letivo dividiu-se em trimestre - outras instituições escolares pode-se dividir em bimestres ou semestres

<sup>vi</sup> Carinhas que demonstram sentimentos

#### Sobre os autores

**Jonathan Fernandes de Aguiar** é Doutorando em Educação (PPGE/UFRJ) Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (2018). Psicopedagogo e Aperfeiçoamento em Educação Inclusiva - FESL (2017). Graduado em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2016).

**Maria Vitória Campos Mamede Mai** é Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2005), Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986). Professor Associado da UFRJ em Psicologia da Educação, Professora do Programa de Pós-graduação em Educação da UFRJ.

*Recebido em: 27/01/2018*

*Aceito em: 17/09/2018*